

# UM PROJETO DE RECONSTRUÇÃO COM ADOLESCENTES DO QUARTO MUNDO

**CINTRA**, Barcelona (Espanha)

## 1.- Justificativa da Definição:

Foi escolhido o nome “*Projeto de Reconstrução*” porque não se trata de construir nada novo, mas de RECUPERAR o que á habita no interior de cada adolescente, e que as circunstâncias sociais e a desestruturção familiar foram relegando ao profundo do seu ser.

*Cintra* quer ser uma oportunidade para despertar o mais genuíno de cada um, e assim conseguir, uma integração pessoal e social, evitando a reprodução do sistema negativo em que viveram.

*Cintra* quer ser um espaço para *Compreender-se* e “*Crescer-se*”.

## 2.- CINTRA na Atualidade:

*Cintra* é uma escola conveniada com o Governo Autônomo de Catalunha que desenvolve a Educação Secundária Obrigatória (E.S.O.); esta etapa educativa abrange dos 12 aos 16 anos. Este centro está situado no bairro do Raval de Barcelona.

Seu projeto educativo está dirigido a adolescentes com um risco social considerável. A maioria provém de famílias desestruturadas e sofre as conseqüências da marginalização social.

## 3.- Origem de CINTRA:

*Cintra* tem sua origem numa iniciativa intercongregacional. Quer dar resposta a adolescentes que vivem uma dura realidade: a degradação social do bairro, o fracasso escolar e a grave desestruturção familiar impelem muitos adolescentes à evasão escolar. Um grupo de religiosos/as se propõem dar uma resposta a esta necessidade que se concretizará na criação de um centro de E.S.O. adaptado a estes adolescentes.

No dia 22 de Março de 1996 nove Congregações Religiosas erigem a *Associação Cintra* para dar personalidade jurídica a todos os projetos que possam surgir no campo da pobreza e da marginalização. Atualmente 39 Congregações a integram.

## 4.- O Bairro:

No bairro do Raval encontra-se um numeroso grupo humano em grave situação de marginalização e um número cada vez maior de imigrantes de diferentes países e culturas. Estes grupos vivem numa realidade muito difícil que os lança, às vezes na prostituição, na droga, na violência da rua, no roubo... aumentando assim os problemas de desestruturção já existentes.

## 5.- O termo CINTRA:

“*Cintra*” é um termo usado em arquitetura e engenharia. É a armação que sustenta um arco até que se coloca a pedra central do mesmo.

Simbolicamente, *Cintra* quer ser esta armação que ajude a consolidar o “arco” interior da identidade de cada aluno. Todas as pessoas que fazemos parte do Projeto Educativo queremos ser uma *CINTRA* para os adolescentes durante os quatro anos em que cursam a E.S.O. (Ensino Secundário Obrigatório).

Seu objetivo fundamental é oferecer um futuro digno a jovens e poder romper o ciclo da marginalização. Como o cego que estava à margem do caminho, a quem Jesus não só devolve a vista, mas tira dessa margem, colocando-o de novo no caminho (Mc.10,46-52), *Cintra* também quer tirar da marginalidade social estes adolescentes e colocá-los no caminho da integração pessoal e social, equipando-os com valores, conhecimentos, vivências positivas, novos interesses, novas metas.

## 6.- Perfil dos Alunos:

- A maioria dos alunos provêm do fracasso escolar e de famílias desestruturadas, algumas em situação de marginalização. Conseqüência disto são os graves desequilíbrios afetivos, psicológicos, educativos e de conduta.
- Muitos deles experimentaram o abandono físico ou emocional.
- As vivências que acumularam os obriga a buscar recursos para seguir adiante. E um destes recursos é tornar-se “duros” com relação ao seu contexto. Esta dureza externa esconde depressões não expressas e inconscientes, e os impulsiona à delinqüência, à droga, à anti-sociabilidade.
- Necessitam encobrir sua sensibilidade e sua debilidade porque estas resultam perigosas para a sua sobrevivência no bairro.
- Estes adolescentes carecem de referentes afetivos e de uma autoridade adulta. Muitos “gozam” de uma liberdade extrema, tanto de dia como de noite. Por isso, rejeitam os limites, não importa de quem e de onde venham.
- Alguns deles , poucos, se vêem obrigados a assumir dentro da “família” responsabilidades próprias dos adultos. Vêem-se forçados a abandonar repentinamente a infância.
- A maioria dos alunos provêm da Escola Pública. Nela não tiveram possibilidades de integração, dada sua problemática. Quando chegam à *Cintra*, nos encontramos com duas grandes tipologias:
  - A) Muitos deles têm vontade de mudar , de serem ajudados, de *Significar* algo para alguém. Nestes encontramos as bases adequadas para a Intervenção Educativa.
  - B) Outros, no entanto, chegam demasiado “*queimados*”, com problemas mentais gravíssimos que *Cintra* não pode atender. Neste caso, são encaminhados a Hospitais-Dia, a tratamentos psiquiátricos, a centros de desintoxicação, a centros de acolhida...

## 7.- Equipe Pedagógica. Composição:

- Um Director.
- Oito tutores.
- Dois professores concedidos pelo Plano Estratégico do Departamento de Ensino do Governo de Catalunha.
- Professores específicos para C.V. (Créditos Variáveis)
- Voluntários

Atendemos 50 alunos.

### 7.1- Perfil dos Professores:

Os professores/as são os artífices principais de todo o processo educativo. Palavras chave no nosso vocabulário são: *Diálogo, Respeito, Processo e Acreditar nos Alunos*. Para isto é necessário que mantenham umas disposições pessoais específicas:

- **Capacidade de educar em valores através das própria atitudes.** A relação professor/aluno é tão próxima, que os alunos captam o momento vital de cada professor, a veracidade de seus posicionamentos pessoais, de suas palavras, de suas atuações. Daí a importância da coerência pessoal.
- **Capacidade de sugerir com certo convencimento**, impondo-se só nos momentos críticos, quando fica ameaçado o Respeito para com alguma pessoa do centro ou de fora dele. Isto implica uma capacidade para o diálogo e uma exigência combinada com a flexibilidade.
- **Capacidade de empatia**, não somente com relação à Pessoa do aluno, mas a respeito da situação em que ele vive. Neste sentido, devem ser pessoas que *acreditem que o aluno pode mudar*.

- **Capacidade de refletir sobre os fatos que vão acontecendo**, tanto positivos como negativos. Não podemos ficar na “exterioridade” dos acontecimentos, senão que devem ser compreendidos a fundo. É necessário ir relatando o *Processo* de cada um.
- **Capacidade de trabalhar em equipe** e sentir-se integrado no grupo de professores. É imprescindível experimentar que o grupo apóia e respalda ativamente cada membro, especialmente nos momentos de frustração e de impotência.
- **Capacidade psicológica para agüentar as pressões** que provêm do contato com pessoas danificadas e com realidades duras. É necessário buscar o equilíbrio psicológico que inclua a capacidade de reflexão sobre a própria tarefa educativa e a possibilidade de desconectar da mesma.

Como professores recebemos, ao longo do ano, uma formação específica, segundo as necessidades educativas que vamos descobrindo.

## 7.2. Voluntários:

Contamos, também, com um grupo de pessoas voluntárias, religiosos e leigos, sensíveis a tudo o que está relacionado com o mundo da exclusão. Atendem diferentes necessidades: reforço escolar, secretaria, acompanhamento a hospitais e a psicólogos, busca de novos locais e de subvenções em Fundações, bancos e empresas, acompanhamento de antigos alunos, participando na escola de pais, visitando os familiares dos alunos em suas casas, interessando-se por seus problemas e envolvendo-se, ao mesmo tempo, na possível solução destes...

## 7.3. Justificativa de nossa Opção Educativa:

Ao iniciar o Projeto, priorizamos o princípio da *PERSONALIZAÇÃO*. Não queríamos converter-nos em uma escola a mais do bairro, que repetisse os mesmos esquemas e provocasse as mesmas conseqüências. Desejávamos apresentar uma alternativa: que cada aluno/a estivesse totalmente acompanhado.

## 8.- Proposta Educativa de CINTRA

### 8.1. Adaptação Curricular Específica:

*Cintra* conta com programas adaptados às necessidades individuais de cada aluno/a, de maneira que terminem o E.S.O. (Ensino Secundário Obrigatório) com uma capacitação suficiente que lhes possibilite a integração no mundo do trabalho.

A) Os *Créditos Comuns* são idênticos aos de qualquer centro educativo de E.S.O. O específico é o nível de concretização para cada aluno. Os professores elaboram grande parte dos materiais que o aluno utilizará para a sua aprendizagem.

B) Os *Créditos Variáveis* oferecem uma visão geral de alguns ofícios, desenvolvem interesses e capacidades que lhes torne mais fácil a escolha de um trabalho, ou estudos de Ensino Médio. Alguns deles são: Carpintaria, Eletricidade, Mecânica de motos e bicicletas, Hotelaria, Cerâmica, Mass media, Cabeleireiro...

### 8.2. Fundamentação da Intervenção Educativa de CINTRA:

García Roca argumenta que *“Educar é Ensinar a Viver, antepondo a relação, porque a Exclusão golpeia o mais íntimo da pessoa, sua confiança, seu desejo. Por isso, precisamos apostar pela cobertura afetiva, pelos espaços de ternura. Porque para Chegar A Ser Capaz de Reflexão, É Preciso Despertar Sentimentos.”*

Nesta perspectiva, *Cintra* opta por:

- uma **intervenção individualizada** que se adapte às necessidades e aptidões de cada aluno/a para que tenha as mesmas oportunidades que os demais;
- uma **socialização** como base de uma integração à convivência humana;

- uma **educação para a liberdade** e responsabilidade que potencialize sua capacidade de autonomia;
- uma **participação** que lhes possibilite chegar a ser agentes ativos de seu próprio crescimento.

### **8.2.1. A Tutoria:**

Entendemos que a “*Tutorização*” ou acompanhamento é a capacidade que o professor tem de colocar-se ao lado do aluno, de viver com ele os processos pessoais, de ajudá-lo a resolver os seus problemas de conduta, de aprendizagem, de autonomia-dependência, de relação... Implica saber chegar à sensibilidade de cada aluno, e proporcionar-lhe recursos para viver mais centrado e feliz.

O tutor deve ser capaz de *Acompanhar* os alunos em seu caminho, elaborando Objetivos Tutoriais que possibilitem o crescimento integral de cada um.

O tutor dará especial ênfase na criação de uma relação próxima, cálida, afetiva, porque esta rompe o anonimato no qual sempre viveram, regenerando sua dignidade e seus desejos de mudança. Inicia-se o *Processo*.

Procura-se que a relação tutor/aluno ajude a este a sentir que *Significa* muito para alguém. Quando surge esta *Vivência*, nasce uma imagem muito mais positiva e motivadora de si mesmos.

### **8.2.2. A Tutoria Individual:**

Na prática, cada tutor/a é responsável por seis alunos durante o ano escolar. Pode-se dar o caso, e de fato se dá, de que algum tutor/a intervenha no processo tutorial de alunos de outro curso, por diversos motivos. O importante é que TODOS os alunos se sintam atendidos em suas necessidades de crescimento e amadurecimento.

Cada tutor conta com uma hora e meia semanal para atender pessoalmente cada aluno de sua sala.

Além disto, o tutor/a atende os alunos em qualquer outro momento em que emergem dificuldades graves, porque é importante enfrentar os problemas quando surgem e solucioná-los. Neste caso, os demais professores se encarregam da sala que o tutor deixa.

### **8.2.3. A Tutoria Grupal:**

#### **A) Grupo Base:**

Iniciamos o dia reunindo-nos as duas turmas do mesmo curso com os dois tutores e os voluntários que intervêm naquele dia. A esta reunião chamamos Grupo Base. Costuma durar de trinta a quarenta e cinco minutos. É um tempo informal que gera motivação.

Seus objetivos são:

- Criar um ambiente adequado antes de começar a jornada de trabalho.
- Favorecer uma boa relação entre todos.
- Dialogar sobre a evolução do dia anterior.
- Predispô-los a uma atitude positiva para o resto do novo dia.

#### **B) Tutoria Grupal de Classe:**

Cada tutor conta com uma hora semanal para a tutoria grupal. É um tempo de diálogo, de confrontação positiva, de escuta dos demais, de participação, de reflexão sobre temas diversos.

- No início do ano escolar, as horas de tutoria são simples, porque lhes é difícil *sentir-se bem* com os demais e com eles mesmos. Mais adiante, *desejam* esta hora. Estas experiências vão reforçando neles sua inclusão em *Cintra*.
- A partir daí pode-se “*forçar*” um pouco mais o processo de cada um.
- Quando o grupo já está consolidado, apela-se para a sinceridade de todos para enfrentar algum conflito, individual ou grupal. Aprendem a analisá-lo com respeito e a resolvê-lo.

Estas experiências relacionais, repetidas, acabam por *Conformar* uma maneira diferente de ser, de sentir-se e de comportar-se.

### 9.- Conclusões Finais:

1. Descobrir a relação entre Vocação Educadora e a própria história de vida facilita entender a Educação como um processo de desenvolvimento e enriquecimento mútuo (não só se dá, também se recebe).
2. O educador deve acreditar nas suas próprias capacidades e na possibilidade de descobrir outras, especialmente quando se trabalha em meios socialmente muito desfavoráveis e “quebrados”.
3. É necessário *Apostar* nos alunos, e concretamente, em todos aqueles seus aspectos que parecem difíceis de superar, com paciência, com compreensão, com empatia. Estas atitudes, em si, já são sanadoras.
4. A educação deve converter-se em um *Serviço de Proximidade*, onde se pratique a comunicação, a personalização, a cooperação e a gratuidade. O educador deve sentir-se *Implicado* emocionalmente no processo do educando. Tudo isto ajudará a desativar as conseqüências da exclusão social.
5. O processo educativo deve possibilitar a criação de uma *Aliança* entre a parte sã do aluno e o professor, de maneira que juntos possam combater o “*enfermo*” que o aluno traz dentro de si e que destrói o resto. Assim vai sendo criado um mundo interior mais rico que pode ajudá-lo em seu futuro imediato. É importante fomentar esses “*itinerários internos*” que geram segurança e bem estar.
6. Impossibilidade de apoiar-se em intervenções externas. A ação educativa deve ser *criativa* e segue este processo :
  - Em primeiro lugar observa-se o problema, o desafio, a dificuldade...
  - Propõe-se depois a resposta mais adequada e enriquecedora para o aluno.
  - Esta vai sendo modificada com coerência, na medida em que vai evoluindo o processo e vão sendo observados os resultados. O educador deve ser o primeiro a estar convencido dos passos que ele se propõe dar, e estes devem ser também convincentes para os alunos.
7. Conseguir envolver o aluno com o seu próprio processo, com claras descrições de seus diferentes momentos, para que, compreendendo-o, aprenda, pouco a pouco, a conhecer-se melhor, a deduzir as causas e as conseqüências de suas atuações e descobrir, assim a ajuda que ele mesmo pode dar-se. Não é necessário atuar sobre as pessoas, mas sim *com elas e a partir delas*.
8. Ante um problema, podem dar-se duas posturas:
  - 8.1.- “*Atacar*” os sintomas externos, eliminando-os, não aceitando-os, não dando-lhes lugar como “material” a educar.
  - 8.2.- Tentar “*Desautomatizar*” os comportamentos *incrustados* em seu modo de ser, conforme se diz a seguir:
    - A) Descobrir os diversos registros que os arrastam à ação ou a condutas problemáticas, sem classificar em momento algum. Daí a importância de formular-nos perguntas desta índole:

*Por que age assim? Que círculos está fabricando? Que angústia, que medo, que debilidade o obriga a manifestar-se desta maneira? A serviço de quê está a mentira, o roubo, a violência...? Que brecha há nele/a para entrar e ajudá-lo/a a construir-se*

*de outra maneira? Qual é a sua parte sadia e como a podemos tornar “cúmplice” de seu processo? “Como criar “musculatura” mental para que possa enfrentar seus problemas com lucidez?...*

B) Levantando hipóteses compreensivas sobre as situações que os alunos vivem, para poder transmiti-las a eles no momento oportuno.

C) Estabelecendo, paulatinamente, um diálogo com os alunos sobre as dores que carregam dentro e que se manifestam em suas reações conflitivas. Um diálogo que os abra à descoberta de outra *Ester*, outra *Cassandra*, outro *Marcos*, outro *Hamza*... dentro deles mesmos, e não somente aquele aspecto que sobressai por cima dos outros. Um diálogo que lhes possibilite, por fim, descobrirem-se mais amplos, mais completos, mais ricos.

D) Pensando nas *possibilidades de atuação* mais adequadas para romper sua dinâmica habitual.

E) Descobrimo os sintomas que *predizem uma reação*. Todos temos marcas dentro, que disparam quando entramos em contato com algum agente “*disparador*”. É bom poder dar nome a estes “*disparadores*”, a esses “*detonantes*”, que podem vir tanto de fora como de dentro da gente mesma.

EDUCAMOS QUANDO ATUAMOS A PARTIR DE DENTRO DO EDUCANDO.